

A contribuição da “Ecologia Acústica” para a “Ecologização de saberes” na escola: uma possibilidade a partir da Paisagem Sonora do espaço rural de Seropédica/RJ

GTE 05 - ECOLOGIA ACÚSTICA, EXPRESSÃO VOCAL E PRÁTICAS CRIATIVAS

Comunicação

Márlon Souza Vieira
UNESP - IA - Universidade Estadual Paulista
marlonsvieira@gmail.com

Resumo: Neste trabalho, propõe-se refletir acerca do ensino de música no espaço rural, a partir do conceito de “Ecologia Acústica” e de “Paisagem Sonora”, consolidados pelo pesquisador Murray Schafer (2011a, 2011b), e da concepção de “Ecologização de Saberes” do professor Boaventura de Souza Santos (2007, 2010, 2014). Desta maneira, considera-se que a Ecologia Acústica pode contribuir com a Ecologização de Saberes por meio do estudo da Paisagem Sonora do espaço rural. Para tanto, compartilha-se a realidade do município de Seropédica/RJ, em que se destacam as questões inerentes às ruralidades. Pondera-se que a partir de uma escuta atenta o professor de música tem possibilidade de propor aos seus alunos práticas pedagógicas em Educação Musical, tanto no âmbito da ecologia acústica como no da expressão vocal e improvisação. Nesse cenário, considera fundamental buscar novos caminhos que resultem em aulas de música criativas e pensadas com base nas potencialidades proeminentes no meio rural.

Palavras-chave: Ecologia Acústica. Ecologização de Saberes. Ruralidades.

Introdução

Discussões que abrangem o ensino de música em diferentes espaços têm ganhado força e importância. Provavelmente, a pujança territorial e a ampla diversidade cultural do nosso país, relacionadas aos interesses das particularidades de como o ensino de música transcorre, seja o principal motivo.

Para este trabalho, destaca-se o espaço rural de Seropédica/RJ, como referência e lugar em potencial, onde suas sonoridades são elementos fundamentais para a atuação do professor de música junto aos seus alunos. Reflete-se como esses elementos sonoros são essenciais para a validação dos saberes que surgem nesse espaço em que as ruralidades são evidentes.

Portanto, o objetivo principal deste trabalho é refletir a respeito da Educação Musical caracterizada, em especial, – por sua potencialidade criativa e transformadora –, apoiada no

conceito de “Ecologia Acústica” (SCHAFER, 2011a, 2011b), também conhecida como ecologia sonora, que tem relação com a ecologia universal, ampla e globalizada; “Paisagem Sonora” (SCHAFER, 2011a, 2011b), que considera os sons de determinado ambiente acústico, os eventos ouvidos em dado lugar e que se encontra no projeto da Ecologia Acústica; e “Ecologia de Saberes” (SOUZA SANTOS, 2007, 2010, 2014), em que se defende que os saberes que nascem no “chão da escola” devem ser considerados, sobretudo, para a afirmação da cultura dos alunos. Dessa maneira, considera-se que a ecologia acústica pode contribuir para a ecologização de saberes dos alunos de música, por meio da conscientização a respeito da paisagem sonora do espaço rural.

O presente artigo está dividido em quatro seções: na primeira, apresentam-se proposições importantes acerca da Paisagem Sonora, Ecologia Acústica e Educação Sonora; na segunda, considera-se as ruralidades de Seropédica e por que ajuíza-se ser uma referência quanto ao contexto rural; na terceira, busca-se construir uma ideia relacional entre a “Ecologia de Saberes” e a “Paisagem Sonora”; na quarta, reflete-se como é possível “Ecologizar Saberes” a partir da “Paisagem Sonora” do espaço rural de Seropédica. E, por último, nas considerações finais, as reflexões importantes, ainda que parciais, obtidas neste trabalho.

Paisagem Sonora, Ecologia Acústica e Educação Sonora

As pessoas vivem cercadas por diversos ambientes que, de modo geral, são percebidos pelos diferentes sentidos. Quando direcionamos essa convicção ao sentido da audição, surge um panorama repleto de amplos e diversificados eventos sonoros. Basta uma escuta atenta e interiorizada para adentrar outra dimensão auditiva constituída dos mais diversos sons. É isso mesmo, eles sempre estiveram por aí! A esses sons, que compõem o ambiente acústico geral de uma sociedade, Murray Schafer (2011a) denomina Paisagem Sonora.

A paisagem sonora é qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como *paisagens sonoras*. (...). Uma paisagem sonora consiste em eventos ouvidos e não em objetos vistos. (...). Podemos saber exatamente quantos edifícios foram construídos numa determinada área ao longo de uma década ou qual foi o crescimento da população, mas não sabemos dizer em quantos decibéis o nível de ruído ambiental pode ter aumentado em um período de tempo comparável. Mais que isso: os sons podem ser alterados ou desaparecer e merecer apenas parcos comentários, mesmo por parte do mais sensível dos historiadores. (SCHAFER, 2011a, p. 23-24).

Nesse contexto, os ruídos e barulhos que se percebe; a imensa quantidade de sons que se consegue diferenciar; os inúmeros timbres que se pode distinguir, desde os fenômenos da natureza como: o vento, a chuva, os animais, a respiração humana ou, até mesmo, os objetos do cotidiano que nos cercam, como máquinas, utensílios domésticos, dentre outros, estão na conjuntura da Paisagem Sonora. O pesquisador da paisagem sonora busca investigar o universo sonoro, ou parte dele.

Diante da necessidade de se ampliar os entendimentos acerca da Paisagem Sonora, torna-se oportuno aproximar-se do conceito de Ecologia Sonora – apresentado por Schafer (2011a) – como a ciência que investiga os efeitos do ambiente acústico e das paisagens sonoras sobre os seres vivos e aprofundar-se nesse entendimento. Com isso, pretende-se chegar ao que Schafer anseia, isto é, promover o “despertar de uma nova maneira de ser e estar no mundo, caracterizada pela mudança de consciência”. (FONTEERRADA. 2008, p.195). A partir daí, manifesta-se a necessidade de se proporem ações educativas inseridas no cenário da Ecologia Acústica, que possam viabilizar essa “mudança de consciência” e levar a se perceber as mudanças sonoras do meio ambiente, constatar os novos sons que se achegam indiscriminadamente e entender o desaparecimento de sons que agora não se escutam mais, ou seja, evitar a “surdez universal¹”.

Assim, essas ações educativas para a conscientização são contempladas a partir do conceito de Educação Sonora. A professora Marisa Fonterrada ressalta que a Educação Sonora entendida por Schafer promove “um despertar para o universo sonoro, por meio de ações muito simples, capazes de modificar substancialmente a relação ser humano/ambiente sonoro”. (FONTEERRADA, 2008, p. 196). Ainda acerca da Educação Sonora a professora destaca que:

Em 1991, Schafer iniciou o projeto de um texto a respeito do que chamou *educação sonora*. Maior do que seu envolvimento com questões musicais, esse texto revela seu comprometimento com uma antiga ideia: a qualidade da escuta; por meio dela, seria possível a cada comunidade avaliar criticamente o ambiente acústico em que vive e propor soluções para a melhoria de sua qualidade. (FONTEERRADA, 2008, p. 196).

¹ Schafer (2011a, p.17) destaca que “A poluição sonora é hoje um problema mundial. Pode-se dizer que em todo mundo a paisagem sonora atingiu o ápice da vulgaridade em nosso tempo, e muitos especialistas têm predito a surdez universal como a última consequência desse fenômeno, a menos que o problema venha a ser rapidamente controlado”.

Desse modo, para este trabalho, deseja-se revelar o comprometimento com a qualidade da escuta no espaço rural, ambiente acústico carregado por elementos da natureza e eventos que formam paisagens sonoras características. Entende-se que as águas dos rios, os ventos dos vales, o zumbido das folhagens e outros diferentes cenários das ruralidades, são eventos sonoros propícios ao desenvolvimento da conscientização desse pertencimento a esse ambiente acústico como legítimo e ao despertar da capacidade de escuta, pela escuta da potencialidade sonora existente nesse espaço.

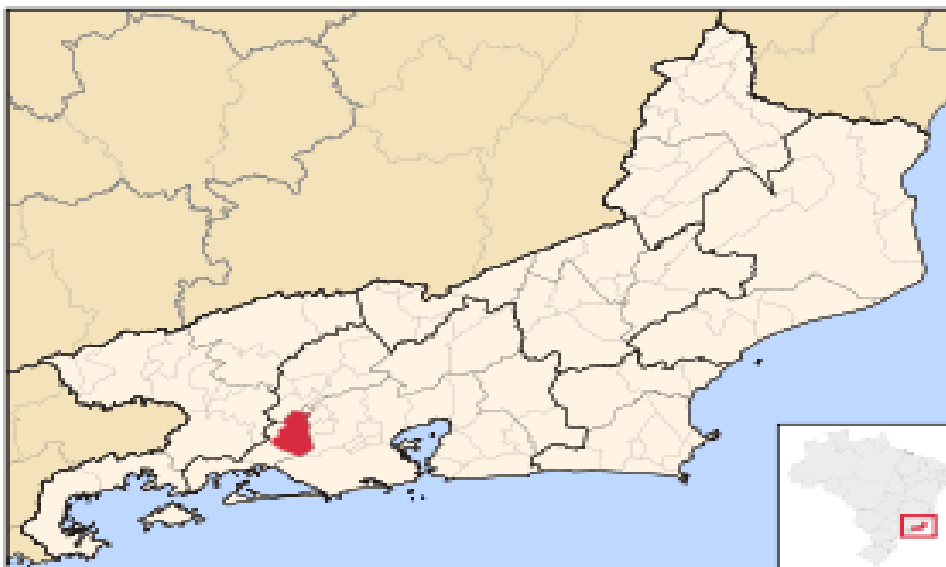
Ao reconhecer a relevância de um processo educativo por meio da Educação Musical que busque a dialogicidade entre os sons que permeiam o ambiente acústico e a vida em sociedade no espaço rural, promove-se, não somente a validação do universo sonoro, mas a transformação dos alunos que estão nesse lugar. Com essa postura, defende-se que os saberes que perfazem o ambiente da escola localizada em espaço rural devem ser considerados, sobretudo, para a afirmação da cultura dos alunos, pretendendo e, desse modo, promover a Ecologização de Saberes.

As ruralidades de Seropédica

Seropédica está localizada na região da baixada fluminense (Figura 1). O nome “Seropédica” resulta de um neologismo formado por duas palavras de origens diferentes, *sericeo* ou *serico*, de origem latina, que quer dizer “seda”, e *pais* ou *paidós*, de origem grega, que tem sentido de “tratar ou consertar”. Portanto, um lugar onde se cuida ou se fabrica seda, ou seja, o nome Seropédica relaciona-se com a atividade da sericultura.

Ainda acerca do nome dado à cidade de Seropédica, salienta-se o fato de que, por volta de 1875, na fazenda Seropédica do Bananal de Itaguaí (nome dessa região na época), do proprietário Luiz de Resende, eram produzidos cerca de 50 mil casulos de bichos-da-seda por dia, isto é, já ocorriam, naquela época, intensas atividades pertinentes às práticas rurais.

Figura 1: Localização do município de Seropédica no Estado do Rio de Janeiro



Fonte: Wikipédia

Com isso, é admissível pensar que a própria origem do município se associe às questões das ruralidades – como descrito no histórico do município e exposto na página oficial da cidade² – que informa que, no século XIX, o lugar desfrutou de “fortes atividades rurais”.

Outro fato relevante refere-se ao fato de o município ser conhecido por abrigar algumas instituições com o foco na agropecuária – o que também colabora para o entendimento de que o município possua um caráter rural. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), a Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro (PESAGRO-RIO), a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), a Fazendinha Agroecológica, o Colégio Técnico da Universidade Rural (CTUR) e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), são instituições localizadas no município de Seropédica e que se ‘fundem’ ao próprio município.

No Plano Diretor do município a palavra rural aparece 44 vezes. Além disso, o documento traz em sua redação termos específicos da ruralidade, como: produtor rural, meio rural, artesanato rural, desenvolvimento rural, população rural, produtor rural, família rural, turismo rural, dentre outros. Segundo Souza (2019), atualmente, a concepção do desenvolvimento rural não está somente alinhada à atividade agropecuária como outrora, mas, também, a diferentes funções, tais como: lazer (turismo rural), qualidade de vida (opção

² Publicação do histórico do município. Disponível em:
<https://www.seropedica.rj.gov.br/a-cidade/historia/> acesso em: 20 02 2021

sociológica), moradia (especulação imobiliária), produção de orgânicos e artesanais, que são, igualmente, elementos operantes do meio rural da atualidade. Veiga (2002), percebe que definir o que é rural no Brasil é mais complexo do que em outros países. Ocorre que, no Brasil, se tem o costume de considerar quaisquer ajuntamentos de pessoas e residências como cidades, dificultando a separação entre o urbano e o rural. Ele ainda aponta que as áreas rurais têm quantitativo populacional um tanto menos expressivo do que as urbanas.

Quanto ao aspecto educacional, a rede municipal de Seropédica tem 46 escolas (ano base 2021). Destas, apenas treze têm professor de música, ou seja, somente aproximadamente 1/3 das escolas do município contam com esse profissional no seu corpo docente. O percurso de uma a outra escola é longo; algumas vezes, leva-se mais de uma hora no percurso de um para outro local. As distâncias entre algumas Unidades Escolares chegam a ser de mais de 60 quilômetros. Muitos desses deslocamentos tornam-se aventuras entre campos, pastos e longas planícies, pelo fato de a cidade não contar com rede rodoviária adequada às necessidades do município. A maior parte das escolas que têm a atuação do professor de música ficam nas áreas rurais. (Figura 2).

Figura 2: Estrada de acesso a uma das escolas municipais com atuação do professor de música em Seropédica



Fonte: Arquivo do autor

O fato é que as ruralidades apresentadas pelo município são organizadas de tal modo que intensificam os modos pelos quais as pessoas exprimem diferentes formas de convivência cultural. Nesse contexto, é possível identificar-se um imenso repertório de eventos sonoros, proveniente de uma paisagem sonora única e especial, construída pelos mais típicos sons que

emergem do espaço rural. Essa paisagem sonora é construída por elementos de formação cultural que refletem os distintos saberes existentes no município que precisam ser valorizados e reconhecidos, uma vez que reconhecimento pode interferir significativamente no processo educativo em geral e, em especial, nos processos de Educação Musical desse lugar.

A “Ecologia de Saberes” e a “Paisagem Sonora”

O conceito da “Ecologia de Saberes” alcançou visibilidade a partir das ideias do professor e sociólogo Boaventura de Souza Santos, e surge da necessidade de uma mudança de postura para transformar *modi operandi* que buscam uma ruptura no modo de agir e pensar: o “Pensamento Abissal”³.

Com isso, se estabelece sistemas distintos que são afastados por linhas radicais que separam a realidade social. O efeito resultante aparece do outro lado da linha, em que se despreza outras formas de conhecimento, outros pontos de vistas, outras representações simbólicas e outros universos significativos – que também possuem a sua importância epistemológica. Souza Santos explica que

Do outro lado da linha, não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objetos ou matéria-prima para a inquirição científica. Assim, a linha visível que separa a ciência dos seus “outros” modernos está assente na linha abissal invisível que separa de um lado, ciência, filosofia e teologia e, do outro, conhecimentos tornados incomensuráveis e incompreensíveis por não obedecerem, nem aos critérios científicos de verdade, nem aos dos conhecimentos, reconhecidos como alternativos, da filosofia e da teologia. (SOUZA SANTOS, 2007, p.4).

Assim, formas de conhecimento que deveriam ser respeitadas e consideradas, desaparecem em suas irrelevâncias e incapacidades de serem mensuradas, colocando-as em situação de inércia e estagnação. Conhecimentos visíveis como os rurais, indígenas, leigos e populares tornam-se invisíveis por estarem do outro lado da linha.

Desta forma, pondera-se que é preciso romper barreiras e mergulhar em tentativas para que aconteça uma justiça cognitiva global. Para isso, torna-se urgente reconhecer outros

³ SOUZA SANTOS (2007, p. 1), evidencia uma realidade do pensamento a partir do mundo atual: “O pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal”. Esse pensamento opera “mediante linhas abissais que dividem o mundo humano do sub-humano” (2007, p. 9).

conhecimentos, provenientes de diferentes contextos, como elementos fundamentais da ciência. Portanto, ao valorizar a Ecologia Acústica do espaço rural, pretende-se trazer outros conhecimentos e experiências para perto do conhecimento científico e acadêmico, o que trará como resultado a busca de outras maneiras de fazer ciência. Esse conhecimento que se encontra do outro lado da linha, amplificador de vozes, de sentidos plurais, com elementos pluriculturais e diversos, possibilitarão que se instalem diálogos profícuos entre saberes, ou melhor, permitirão que se instale uma “Ecologia de Saberes”. No dizer de Souza Santos, essa é

[...] uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento. (SOUZA SANTOS, 2007, p.9).

O conceito da Ecologia de Saberes propõe legitimar conhecimentos autênticos que fazem parte intensamente da vida das pessoas. Ora, não há nada mais autêntico do que a Ecologia Sonora que se concretiza no “chão da escola” do espaço rural. Assim, o professor de música, ao priorizar aos seus alunos ações que reconheçam a Paisagem Sonora do espaço rural como elemento essencial inerente de sua própria cultura, poderá promover uma Educação Musical efetiva, democratizante e “ecologizadora” de saberes.

Levar um tipo de Educação Musical para a sala de aula que colabore com as manifestações dos próprios modos de vida, por meio da aproximação e reconhecimento da Paisagem Sonora do espaço rural, levando-se em conta o ritmo e o rumo do desenvolvimento do aluno, significa provocar uma mudança educacional auditiva significativa não só nos estudantes, mas em vários, se não em todos os setores da escola. Os saberes adquiridos pela interação com o outro e na relação existente entre os eventos sonoros que os cercam são, igualmente, disparadores para a construção do conhecimento. Conseqüentemente, reflete-se ser indispensável conhecer os diferentes saberes dos alunos que vivem na ruralidade, superar os desafios e afirmar os saberes constituídos nela, buscando instrumentos para desenvolver um caminho a partir de sua própria Paisagem Sonora. Esse conjunto de ações vai refletir-se na ação de “ecologizar” saberes.

Possibilidades para “Ecologizar Saberes” a partir da “Paisagem Sonora” do espaço rural de Seropédica/RJ

A partir do momento em que se passa a valorizar a Paisagem Sonora peculiar do espaço rural, e ao relacioná-la aos elementos fundamentais da Educação Musical, observa-se que a atuação do professor de música se torna fundamental para criar diferentes possibilidades de “ecologizar” saberes. Essa ecologização passa, justamente, por conscientizar e promover provocações acerca do universo sonoro. As atividades musicais, segundo Schafer, devem

[...] voltar aos exercícios simples, básicos, de audição, para que a capacidade auditiva, tão prejudicada pelo aumento indiscriminado de ruídos e pelas condições da vida moderna, recupere a sua plena capacidade. (FONTERRADA, 2008, p. 196).

Com isso, não se quer dizer que a modernidade não chegou ao espaço rural, mas refletir que, mesmo em meio a ela, as essencialidades imanentes às circunstâncias da cultura rural prevalecem e preponderam. Como exemplo, pode-se observar um aluno que, semanalmente, mostra-se ativo nas aulas de música, em uma escola localizada em comunidade rural de Seropédica (figura 3), que, ao sair da escola, retorna à casa para brincar. Imagina-se – com os olhos de quem vive na urbanidade – que ele vai utilizar seu *smartphone* ou seu *videogame*, no entanto, seu brinquedo é um cavalo, com o qual passeia tranquilamente pelas redondezas da escola. (Figura 4).

Figura 3 e 4: O mesmo aluno que participa ativamente das aulas de música nas horas vagas tem como brincadeira andar a cavalo



Fonte: Arquivo do autor

Certamente, a Educação Musical inserida nesse cenário recebe os efeitos advindos dessa realidade. A paisagem sonora que se estabelece nesse lugar torna-se primordial para a formação cultural desses alunos, podendo o professor beneficiar-se desses elementos e expandir possibilidades de vivências musicais com eles. Uma escola que recebe cotidianamente a visita de animais silvestres (Figura 5), efetivamente tem suas bases culturais marcadas por essas idiosincrasias.

Figura 5: Imagem de um pequeno sagui comendo uma banana na hora do recreio no pátio da escola



Fonte: Arquivo do autor

De igual modo, o professor de música, ao reconhecer a existência de distintas paisagens sonoras, dentre elas, as próprias do espaço rural, terá maiores possibilidades para construir novos conhecimentos, podendo utilizá-las como elementos de desenvolvimento musical, e ser capaz de ampliar a bagagem de experiências dos alunos, ao promover, mais uma vez, a “ecologização de saberes”, na medida em que se utiliza de componentes de sua própria cultura.

Ao ouvir a paisagem sonora das proximidades de uma das escolas de Seropédica localizada em ambiente rural, e em diferentes momentos no decorrer do dia, escuta-se uma Paisagem Sonora repleta de sons singulares e envolventes. (Quadro 1).

Quadro 1: Paisagem Sonora das proximidades de uma das escolas de Seropédica em diferentes momentos do dia

 	 	 
Paisagem Sonora às 6h	Paisagem Sonora às 14h	Paisagem Sonora às 21h

Fonte: Arquivo do autor

Pelas limitações estipuladas à formatação deste trabalho, não é possível realizar uma análise sistêmica das paisagens sonoras apresentadas, contudo, pode-se afirmar que é viável considerá-la a partir de uma escuta atenta e que o professor de música tem possibilidade de propor aos seus alunos práticas pedagógicas criativas em Educação Musical, com conteúdo valiosíssimo.

No âmbito da ecologia acústica destacam-se: a sensibilização para o mundo dos sons; exploração sonora; identificação de altura; imitação, invenção e reprodução; improvisações livres; percepção sonora; vivência corporal; formas de expressão através dos sons; imaginação sonora; acuidade auditiva e parâmetros sonoros; registros gráficos dos sons; canto; organização dos sons e silêncios na linguagem musical; noção de repetição, sequência, e encadeamento de elementos sonoros e criação musical.

Quanto à expressão vocal e improvisação sobressaem-se: jogos com timbres; identificação de altura; imitação, invenção e reprodução; improvisações livres; vivência corporal; expressão através dos sons e fundamentos do canto.

A ecologia acústica associada à expressão vocal pode permitir que se crie um percurso em que os sons ouvidos sejam imitados pelos alunos, servindo de mote para atividades e jogos com foco na improvisação. Os estudantes podem se expressar vocalmente, reproduzindo os sons ouvidos com objetos sonoros. Igualmente, o uso da voz e de outros elementos podem alinhar-se com os movimentos corporais e a exploração dos objetos que fazem ruído. Ou seja,

a ecologização de saberes permite possíveis ações para se validar conhecimentos distintos e intervenções fundadas colaborativamente em sala de aula, em que a atuação do professor impulsiona a interlocução entre saberes no espaço rural. A paisagem sonora contribui com o professor, o professor com o aluno e a ecologia acústica com a ecologização de saberes.

Reflexões Finais

Ao considerar os fenômenos que envolvem a educação musical no âmbito do espaço rural, viu-se que é possível pensar em propostas a partir da “Paisagem Sonora”, para a efetivação do ensino de música nesse espaço. Igualmente, ao propor os elementos fundamentais e conceituais da Ecologia Acústica e da Ecologia de Saberes como possibilidade de validação de saberes no espaço escolar rural e, considerando a Educação Musical como modo de conduta nessa trama, percebe-se que refletir acerca das ações do professor de música enquanto legitimador dos conhecimentos divididos pelas linhas abissais se faz necessário e urgente.

Atividades que consistem em criação, com base na transposição vocal, por exemplo, resultam em práticas pedagógicas que intensificam vivências acerca da voz, da escuta e da improvisação. Nesse contexto, ao construir uma transposição vocal de uma Paisagem Sonora a partir dos sons advindos do espaço rural, objetivos em Educação Musical são alcançados e experiências significativas, em especial, quanto ao estudo da expressão vocal são efetivadas.

Outrossim, ao trazer o espaço rural de Seropédica para esse trabalho, pretendeu-se apresentar os elementos das ruralidades que estão presentes nos processos educacionais de todo país e, se considerarmos a potência existente a partir da Paisagem Sonora desses espaços, poder-se-á contribuir para a “mudança de consciência” tão requerida por Murray Schafer, a fim de promover além da Ecologização de Saberes, a Educação Sonora.

Referências

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. 2. ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 2008.

SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo - uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. Trad. Marisa T. Fonterrada. 2a. ed. São Paulo: UNESP, 2011a.

_____. *O ouvido pensante*. Trad. Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. 2a. ed. São Paulo: UNESP, 2011b.

SOUZA, Raquel Pereira. O Desenvolvimento Rural no Estado do Rio de Janeiro a partir de Uma Análise Multidimensional. in: *RESR*, Piracicaba - SP, Vol. 57, Nº 01, p. 109-126, Jan./Mar. 2019

SOUZA SANTOS, Boaventura de. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 78, p. 3-46, 2007

_____. Um ocidente não-ocidentalista? A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de, MENESES Maria Paula (Orgs). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. A Praxis da Ecologia dos Saberes. Entrevista a Fernando Ferreira Carneiro, Noemi Margarida Krefta e Cleber Adriano Rodrigues Folgado. In: *Tempus*, actas de saúde coletiva, Brasília, v. 8, n. 2, p. 331-338, jun. 2014.

VEIGA, J. E. *Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*. Campinas: Autores Associados, 2002.